

Entre o sofrimento e a solidariedade: Os impactos psicológicos das atividades voluntárias em abrigos do município de Canoas em 2024

Bianca de Lurdes Mossi dos Santos¹

RESUMO

Em maio de 2024, o município de Canoas (RS) enfrentou um dos maiores desastres climáticos de sua história, com aproximadamente 60% de seu território afetado, o que levou à evacuação imediata de milhares de pessoas. Diante deste cenário, a prefeitura e a sociedade civil viabilizou o acolhimento para os que necessitaram deixar suas residências. A mobilização social foi intensa, resultando em uma ampla participação de voluntários nos resgates e em abrigos emergenciais. Assim, este artigo tem como objetivo compreender os efeitos da experiência voluntária durante a inundação de maio de 2024 em Canoas, a partir da perspectiva dos próprios voluntários. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, baseada em entrevistas semiestruturadas com 11 voluntários que atuaram diretamente nos abrigos emergenciais do município. Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo temática, considerando as seguintes categorias: descrição do voluntariado (aspectos objetivos e aspectos subjetivos) emoções, saúde mental, fadiga de compaixão, poder público e resiliência comunitária. Os resultados indicam que o voluntariado foi fundamental para o enfrentamento do impacto imediato do desastre, contribuindo para a formação de uma ampla rede de solidariedade. Além disso, a atuação voluntária proporcionou experiências subjetivas marcantes de pertencimento, superação e transformação pessoal. Contudo, a atividade também demonstrou impactos psicológicos importantes como: sofrimento emocional, exaustão, ambiguidade de sentimentos e sinais de fadiga de compaixão, além da falta de suporte do poder público. Assim, a necessidade de pensar em estratégias de suporte e amparo a quem cuida torna-se uma temática urgente considerando o aumento de desastres climáticos ao redor do mundo.

Palavras-Chaves: Voluntário; Enchente; Inundação; Emergência e Desastres.

INTRODUÇÃO

Em maio de 2024, o município de Canoas, localizado no estado do Rio Grande do Sul (RS), enfrentou um dos maiores desastres naturais de sua história, com cerca de 60% do território afetado e a evacuação emergencial de pelo menos 11 bairros, devido ao avanço das águas que deixou bairros inteiros submersos (G1, 2024). De acordo com a Lei nº 12.608, de 10 de abril de 2012, desastres são definidos como eventos adversos, de origem natural ou humana, que provocam danos significativos de ordem material, humana ou financeira. Ainda, segundo a Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão do RS (2023) os desastres naturais são divididos em Hidrológicos, Geológicos, Meteorológicos e Climatológicos. Os

¹ Discente do Curso de Psicologia da Universidade La Salle - Unilasalle, matriculada na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso. E-mail: biancalurdesms@gmail.com, sob a orientação da Prof.^a Dra. Camila Bolzan de Campos E-mail: camila.bolzan@unilasalle.edu.br. Data de entrega: 30 jun. 2025.

desastres hidrológicos referem-se a eventos relacionados ao comportamento anormal das águas, como enchentes, inundações, alagamentos e enxurradas. A partir da definição de Brasil (s.d), inundação ocorre quando a água de um rio ou canal sai do seu caminho natural e invade as áreas próximas, como planícies ou várzeas, já enchente é quando a água de um rio ou canal sobe por causa do aumento do fluxo, chegando ao seu ponto mais alto, mas sem transbordar para áreas adjacentes. Assim, o município de Canoas enfrentou estes fenômenos em consequência das fortes chuvas que assolaram o município durante o mês de maio de 2024 (PREFEITURA DE CANOAS, 2024).

Considerando a gravidade da situação e as diversas famílias desabrigadas, o vice-prefeito em exercício destacou a urgência de localizar espaços que pudessem funcionar como abrigos provisórios para os desabrigados (PREFEITURA DE CANOAS, 2024). Como resposta, a cidade organizou estruturas de acolhimento emergencial. A mobilização social foi tão grande que, segundo reportagem do portal Sul21, o cenário foi descrito como uma verdadeira “operação de guerra”, com ampla participação de voluntários nas atividades de assistência humanitária.

De acordo com a Mônica Exelrud Villarindo (2022), em situações de emergência, os voluntários exercem papel importante na resposta inicial, atuando em múltiplas frentes como: resgate, distribuição de alimentos, apoio médico e suporte psicossocial. No entanto, tais ações muitas vezes ocorrem de forma desorganizada, sem uma estrutura formal de coordenação, o que pode gerar sobrecarga emocional. Como apontam Silva, Silva e Barufi (2023), os voluntários frequentemente vivenciam sentimentos ambíguos: ao mesmo tempo em que experimentam gratificação e propósito, enfrentam também cansaço, frustração e sofrimento psíquico.

Esse cenário torna-se ainda mais complexo em contextos como o de Canoas, onde, além das perdas materiais e do sofrimento humano, há lacunas na articulação das políticas públicas de resposta. Embora o papel do voluntariado em desastres seja amplamente reconhecido, os efeitos dessa atuação sobre os próprios voluntários ainda são pouco discutidos na literatura (AKHIR, 2024).

Diante disso, o presente artigo tem como objetivo compreender os impactos da atuação voluntária durante a inundação de maio de 2024 em Canoas, a partir da perspectiva dos próprios voluntários. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, fundamentada em entrevistas semiestruturadas com voluntários que atuaram diretamente nos abrigos emergenciais da cidade. As falas foram analisadas por meio de categorização temática, revelando dimensões emocionais, sociais e políticas da experiência voluntária nesse

contexto específico.

MÉTODO

Esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa, sendo de natureza exploratória. A pesquisa qualitativa parte de pressupostos teóricos e interpretativos que orientam a investigação de problemas sociais ou humanos, buscando compreender os significados atribuídos pelas pessoas a esses problemas (CRESWELL, 2014). O caráter exploratório busca ampliar a compreensão inicial sobre um determinado problema, permitindo que ele seja melhor delimitado e contribuindo para a formulação de hipóteses. Por isso, seu planejamento tende a ser flexível, facilitando a exploração de diferentes aspectos relacionados ao fenômeno investigado (GIL, 2002).

A coleta de dados foi realizada a partir de entrevistas semi-estruturadas das quais são caracterizadas por conterem perguntas previamente definidas, mas com flexibilidade na sua aplicação. Assim, a ordem das perguntas pode ser ajustada e explorar mais profundamente as respostas, estimulando um diálogo mais rico e espontâneo com o entrevistado (FLICK, 2012). Os dados foram analisados com base na Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2016), o que permitiu interpretar as entrevistas, buscando seus significados e organizá-los em categorias temáticas.

AMOSTRA

Participaram onze (11) voluntários, que atuaram nos abrigos emergenciais da inundação em Canoas no ano de 2024, que possuem entre 21 a 51 anos de idade. As características da amostra estão indicadas na tabela abaixo:

Tabela 1 - Características da amostra

Sexo	Atingidos diretamente pela inundação	Não atingidos diretamente pela inundação	Atuação em abrigo para pessoas vítimas da inundação	Atuação em abrigo para animais atingidos pela inundação
Feminino	5	3	7	1
Masculino	3	0	3	0
Total	8	3	10	1

Fonte: Autor, 2025.

O recrutamento dos participantes ocorreu por conveniência mediante a divulgação da pesquisadora sobre a coleta de dados em redes sociais. Os mesmos responderam ao chamamento e se disponibilizaram a responder a pesquisa voluntariamente. Ao mesmo tempo, estes participantes indicaram outros a participar, representando a técnica bola de neve. Esta técnica, segundo Fontanella, Ricas e Turato (2008), caracteriza-se por um processo de amostragem em cadeia, no qual os participantes indicam outros sujeitos que preenchem os critérios estabelecidos para a pesquisa.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Esta pesquisa faz parte do projeto guarda-chuva "Cheias e Chuvas Extremas no Rio Grande do Sul: Avaliação de Riscos Psicossociais, Genotóxicos e Zoonóticos em Ambientes Impactados" que passou pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos que está no endereço: Av. Victor Barreto, 2288, 3º andar do Prédio 6 - Centro – Canoas, RS, CEP: 92010-000 - E-mail: cep.unilasalle@unilasalle.edu.br e telefone (51) 3476 8452. Horários de funcionamento: Segunda-feira: 14h às 18h; Terça-feira: 14h às 19h; Quarta-feira: 14h às 18h; Quinta-feira: 10h às 13h e 14h às 19h; Sexta-feira: 14h às 18h, pelo protocolo: 84639324.5.0000.5307.

ANÁLISE DOS DADOS

Após a realização das entrevistas, foram transcritos os áudios de cada relato. Todo o material foi transferido para um arquivo digital, no qual os conteúdos emergidos durante a entrevista foram organizados em categorias temáticas. Considerando os objetivos da pesquisa e os conteúdos manifestos nas entrevistas, foi possível construir as categorias que foram posteriormente interpretadas e aprofundadas. Dessa forma, o quadro a seguir apresenta os critérios utilizados para a inclusão dos conteúdos em cada categoria e seus respectivos exemplos.

Quadro 1 - Categorização dos dados

Categoria	Caracterização	Ilustração
Descrição do voluntariado	Aspectos Objetivos: Atividade voluntária realizada, o local de atuação, a frequência, o tempo de envolvimento e a função exercida pelo participante no contexto do voluntariado.	“Eu já trabalhei ali como voluntária em algumas ONGs, assim, mas não...Tipo, a longo prazo, sabe? Foi de um dia, dois dias no máximo. Então, foi bem leve, assim.” (Participante 1, comunicação

		<p>peçoal, abril de 2025)</p> <p>Aspectos Subjetivos: Contempla o sentido atribuído à atividade voluntária, as motivações, os valores envolvidos, as interpretações subjetivas dos participantes sobre sua atuação, o vínculo estabelecido com o voluntariado ao longo do tempo.</p>	<p>“Eu me senti como se eu não tivesse ajudado o suficiente, como se eu não tivesse feito nada, como se eu não tivesse feito, como se eu não tivesse, sei lá, feito metade do que talvez tenham feito pra mim, sabe?” (Participante 1, comunicação pessoal, abril de 2025)</p>
Emoções	Experiências emocionais vivenciadas pelos voluntários		<p>“Então, eu tinha medo, foi medo, assim, sabe?” (Participante 1, comunicação pessoal, abril de 2025)</p>
Saúde mental	Impactos psicológicos percebidos durante ou após a atuação voluntária.		<p>“Eu olho as notícias e eu tô entrando em depressão. Tipo, eu não aguento mais, eu choro o dia inteiro.” (Participante 7, comunicação pessoal, maio de 2025)</p>
Fadiga de compaixão (FINGLEY, 1985)	Desgaste emocional crônico associado ao contato contínuo com o sofrimento alheio, sensação de esgotamento, distanciamento emocional ou desmotivação.		<p>“Minha mãe não tá bem, eu ficava: "Eu preciso parar". Eu não tinha energia. E eu não conseguia... Como eu te disse, eu não comia. Eu simplesmente não comia.” (Participante 5, comunicação pessoal, abril de 2025)</p>
Poder Público	Presença ou ausência de políticas públicas, apoio institucional, ações governamentais, ou críticas relacionadas ao papel do Estado frente à situação abordada no voluntariado.		<p>“Ah, o pessoal do exército tava lá ajudando a montar, a construir as baias. Um dia só no abrigo antigo, o pessoal do sistema carcerário, que trabalha com cachorros, ajudou também a mudar as baias, porque tinha muita baia que ainda era ao ar livre, assim. E daí, quando começou a chover, eles tomavam chuva, né?” (Participante 10, comunicação pessoal, maio de 2025)</p>

Resiliência comunitária	Aspectos coletivos que favorecem a superação de dificuldades, como apoio entre voluntários, ações conjuntas, sentimento de pertencimento e construção de redes de solidariedade.	“Gente que veio, se doou, parou, largou o seu trabalho, veio pra cá.” (Participante 10, comunicação pessoal, maio de 2025)
-------------------------	--	--

Fonte: Autor, 2025

Destaca-se que as categorias “Saúde Mental”, “Fator de Risco” e “Fator de Proteção” haviam sido definidas a priori, com base na revisão da literatura científica e na análise preliminar dos conteúdos publicados sobre o tema, os quais já indicavam a relevância desses temas no contexto de emergências e desastres. Contudo, ao longo do processo de análise dos dados coletados, emergiram conteúdos que não se enquadram de forma adequada ou suficiente nas categorias previamente estabelecidas. Diante disso, foi necessário realizar ajustes metodológicos, contemplando tanto a criação de novas categorias quanto a reformulação e desmembramento das categorias definidas a priori, de modo a respeitar a complexidade e a singularidade dos discursos apresentados pela amostra.

Essa estratégia metodológica está em consonância com os princípios da análise de conteúdo temática de abordagem qualitativa, conforme proposto por Bardin (2016), permitindo a construção de categorias analíticas que fossem baseadas em teoria, mas também comprovadas na prática. Assim, buscou-se garantir maior fidelidade aos dados, bem como uma interpretação coerente com os objetivos da pesquisa.

Como resultado, a categoria “Fator de Risco” foi transformada na categoria “Fadiga de Compaixão” e “Fator de Proteção” ao invés de ser subdividida em “Resiliência Individual” e “Resiliência Comunitária” permaneceu somente a categoria “Resiliência Comunitária” com base na recorrência da temática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos dados coletados, foi possível identificar que todos os participantes relataram suas vivências nos abrigos, abordando aspectos como organização, vínculos interpessoais e funções desempenhadas. Assim, a categoria **“Descrição do Voluntariado: Aspectos Objetivos”** revela uma atuação variada, marcada tanto pelo genuíno desejo de ajudar quanto pelos desafios enfrentados no contexto de emergência e desastre. Oliveira e Soares (2019), apontam que em contextos de desastre, é comum que prevaleça uma lógica de cooperação marcada por ações solidárias, como a oferta gratuita de abrigo, recursos e trabalho

voluntário, com o objetivo de amenizar os impactos imediatos da crise. Por muitas vezes, os voluntários ocupam este espaço de organização e iniciativa para acalantar os impactos iniciais de um desastre, contudo, conforme Aung et al. (2017), os desastres, por sua natureza complexa e imprevisível, geram situações inéditas que demandam articulações intergovernamentais específicas e expõem indivíduos a dilemas éticos marcados por conflitos de valores, pressões externas e incertezas quanto às decisões a serem tomadas. O depoimento do participante 1 (comunicação pessoal, abril 2025) ilustra bem essa complexidade:

E o voluntário da Ulbra, assim, foi difícil porque eu fiquei depois no prédio 11, que foi um dos primeiros prédios ali, e como era um dos primeiros prédios, era o primeiro a acolher, sabe? E foi muito difícil porque tinha muita gente e pouco voluntário. Tinha muita gente, pouco colchão, muita gente, pouco cobertor, muita gente, pouca comida, muita gente, pouca roupa, sabe?

Esta manifestação evidencia a precariedade dos recursos e a sobrecarga enfrentada pelos voluntários diante da gravidade do evento, situação reiterada por outros participantes ao longo das entrevistas. Apesar das adversidades, as ações voluntárias também foram fontes de laços afetivos, como expressa o participante 5 (comunicação pessoal, abril de 2025) “Então a gente criou uma amizade mais forte, ainda, porque todo mundo se ajudava. Era muito gostoso, muito, muito bom o relacionamento com eles. Era todo mundo amigo. E se ajudava, claro.”

Segundo Burleson (1985), indivíduos com maior capacidade empática costumam ter maior facilidade para se relacionar socialmente, favorecendo os laços afetivos, além de contribuírem para o fortalecimento das estratégias de enfrentamento e para a diminuição de problemas emocionais e psicossomáticos entre aqueles com quem convivem. Os voluntários foram ferramentas-chaves para o apoio tanto emocional quanto estrutural nas inundações de maio de 2024. A empatia foi o norteador para a criação de laços que tornaram-se grandes redes de solidariedade.

O ato de voluntariar representa a forma como o indivíduo se conecta com sua comunidade, utilizando sua participação, confiança e reciprocidade para fortalecer a sua própria cidadania. A atividade voluntária não apenas amplia as redes de interação social existentes, mas também permite a construção de novos laços e relações (ZANATTA; MENEZES, 2006). Com isso, cada indivíduo atribui a sua atividade um significado pessoal e subjetivo baseado em sua vivência. Todos os voluntários refletiram durante as entrevistas sobre o que o voluntariado significou e qual foi a sua própria relação com o mesmo, sendo criada assim a categoria “**Descrição do voluntariado: Aspectos Subjetivos**”. Os relatos a seguir apresentam alguns significados associados à atividade voluntária:

Eu acho que a principal coisa é isso, de poder agregar com uma mudança positiva no dia de alguém. (Participante 2, comunicação pessoal, abril 2025)

Mas a sensação é de gratidão e alívio, tipo, a sensação que eu tenho é assim, eu fiz o que eu pude. Eu fiz o que eu conseguia fazer no momento, tanto para pessoas que eu nunca vi na minha vida, que eu não conhecia, e para minha família. (Participante 6, comunicação pessoal, maio 2025)

Eu acho que evoluiu muito a questão de empatia. Muito isso, de me colocar no lugar do outro. E... Eu acho que é principalmente isso. Parte de empatia. Sabe? E agora a vontade de ajudar sempre. (Participante 9, comunicação pessoal, maio 2025)

Que foi o que fez os dias terem sentido. Acho que eu ressignificou o sentido da enchente sendo voluntária. Foi o que fez as coisas acontecerem, no sentido tanto emocional, psicológico quanto físico, sabe? (Participante 11, comunicação pessoal, maio 2025)

A promoção de um ambiente seguro, capaz de reduzir a exposição a estímulos ameaçadores, suprir as necessidades básicas e estimular o suporte social configura-se como um fator protetivo contra o surgimento de transtornos associados ao trauma (PARANHOS; WARLANG, 2015). Nesse sentido, os voluntários deram sentido às suas atividades conforme sua subjetividade e foi possível identificar que o voluntariado foi uma estratégia de enfrentamento para a situação de crise, além de trazer os sentimentos de gratidão e empatia à tona pela sensação de dever cumprido. Carvalho, Barros e Silva (2019), referem que existem algumas motivações para realizar atividades voluntárias, mas que uma não anula a outra, sendo possível utilizar suas vivências pessoais de perdas e desafios, encarando o trabalho voluntário como uma oportunidade de superação e crescimento pessoal, e também fortalecer o seu sentimento de bem-estar e compromisso com a comunidade através da ajuda ao próximo. Por meio dos dados, percebe-se que a atividade voluntária foi uma forma de os participantes elaborarem suas próprias vivências, realizando suas ressignificações diante do desastre, ao mesmo tempo em que fortaleceram laços afetivos e reafirmaram seu compromisso com o cuidado coletivo.

Durante as entrevistas, os participantes utilizaram o espaço para compartilhar suas emoções frente ao contexto dos desastres, destacando a relevância da categoria “**Emoção**”. Rafaloski et al (2020), discute que durante um desastre, o indivíduo é frequentemente confrontado com a realidade. Este confronto geralmente causa medo, tristeza e irritabilidade. A exemplo disso o participante 6 (comunicação pessoal, maio 2025) expressa: “Assim, uma cena de guerra, uma cena assim...Muito triste. Todo mundo mal, assim. É difícil de explicar isso aí. Isso foi bem difícil.”.

De modo semelhante, a participante 3 (comunicação pessoal, abril 2025) relatou “Foi tudo muito tranquilo, eu só fiquei com medo porque tinha muita gente que brigava e a polícia toda hora ia lá e falava pra nós que tinha que cuidar.” retratando o medo associado à

insegurança no ambiente em que atuava.

Carvalho, Barros e Silva, (2021) destacam a elevada empatia dos voluntários, diante do sofrimento alheio, sendo impactados pelas experiências que vivenciam e pelas histórias ouvidas, corroborando com o discurso da participante 1 (comunicação pessoal, abril 2025):

E medo por aquelas pessoas também, sabe? Porque eu não sabia se elas iam voltar pra casa também. Eu não sabia se a casa dela estava de pé. Então, eu tinha medo por mim, mas eu tinha muito mais por elas...E aí eu tinha medo por elas, sabe? Medo delas não conseguirem voltar para casa, delas não conseguirem se restabelecer.

Silva, Silva e Barufi (2023), identificaram que durante o atendimento às vítimas de desastres é comum sentimentos ambíguos e intensos, como empatia, gratidão contrastando com estresse, angústia e impotência, tanto pelas histórias compartilhadas pelas vítimas quanto pelas próprias experiências durante o trabalho. Essa dualidade emocional esteve presente nos relatos dos entrevistados, que oscilaram entre sentimentos de tristeza, frustração e satisfação por sua atuação voluntária, conforme ilustrado a seguir:

É, é difícil falar, porque, na verdade, como eu falei antes, a enchente afetou de modo geral as nossas vidas. Geral mesmo, profissional, as suas relações interpessoais. (Participante 2, comunicação pessoal, abril 2025)
Acho que tristeza, por saber que muita coisa estava acontecendo errado e eu não poderia fazer nada. (Participante 4, comunicação pessoal, maio 2025)
Eu fico feliz de poder ter ajudado tanta gente. (Participante 5, comunicação pessoal, abril 2025)
Eu fui bastante feliz no voluntariado, pra falar a verdade. Tipo, todos os meus amigos estavam lá. (Participante 11, comunicação pessoal, maio 2025)

Seis (6) participantes apresentaram em seu discurso sintomas e situações que possuem informações diante de sua saúde mental, assim a categoria “**Saúde Mental**” é caracterizada pelos eventos experienciados e como estes afetou no emocional subjetivo de cada sujeito. Situações como desastres, emergências e acidentes, são reconhecidas como eventos altamente estressantes devido à sua imprevisibilidade e ao risco à integridade física e emocional das pessoas. Esses acontecimentos, ao provocarem destruição e perdas humanas e materiais em diferentes proporções, revelam a vulnerabilidade humana e podem gerar sentimentos de desamparo, além de traumas para os afetados (PARANHOS; WARLANG, 2015), conforme os relatos:

Muita gente no decorrer assim do tempo começou a tentar se matar, tentativa de suicídio, e eu peguei já duas meninas no banheiro mas só. (Participante 4, comunicação pessoal, maio 2025)
Só conseguia dormir se eu bebesse álcool, tipo vinho. Eu tomava muito e emagreci

10, 11 quilos naquele mês, porque eu não conseguia comer. Eu sempre fui gordinha, sempre comi muito, mas eu não conseguia aceitar aquilo, e eu não conseguia comer. Foram dias muito estranhos, assim. (Participante 5, comunicação pessoal, abril 2025)

Quando eu tive a... eu acho que durante a enchente eu tive duas ou três crises de ansiedade só, mas eu pegava e me isolava para as pessoas não verem alguém que estava ajudando estava colapsando, então eu me afastava e aí eu não esqueço. (Participante 8, comunicação pessoal, abril 2025)

Embora o sofrimento geralmente seja percebido como uma experiência individual e privada, ele influencia diretamente as relações interpessoais e o modo como os indivíduos interpretam e dão sentido às suas vivências e dores (MCKINZIE, 2018). Os relatos demonstram que a atuação voluntária em emergências deixa grandes marcas emocionais. A ausência de suporte, especialmente em saúde mental, deixa o voluntário vulnerável a sequelas emocionais duradouras, como expressado por vários participantes.

Oito (8) participantes verbalizaram sobre a rotina exaustiva do voluntariado, destacando como a atividade se tornou o centro da rotina, gerando rompimento de vínculos pessoais e abandono de necessidades básicas. A categoria “**Fadiga de Compaixão**” revela o esgotamento emocional e físico daqueles que se dedicam ao cuidado dos outros conforme os relatos a seguir:

E eu passei muitas noites acordadas também. Tinha noites que eu não dormia. Até o pessoal, assim, às vezes, depois de um tempo, o pessoal brincava comigo que eu ficava com umas olheiras grandonas, assim, roxas, sabe? Porque às vezes eu passava mais de 24 horas acordada. (Participante 1, comunicação pessoal, abril 2025)

Eu quase não dormia. Quase não dormia e não comia, mas eu não me importava, mas chega uma hora que o cansaço bateu, eu fiquei doente. (Participante 3, comunicação pessoal, abril 2025)

Esse meio tempo, eu e o meu ex, a gente terminou, porque eu estava passando muito tempo voluntariamente não em casa. E eu estava no meio de um caos emocional meu, mas da mesma maneira eu deixei de lado para conseguir ajudar os outros. (Participante 4, comunicação pessoal, abril 2025)

Tem que fazer, tem que fazer. Porque não adianta ficar pensando em mim. Eu tô ali, não é por mim, é pelos animais, né? Então, o eu é secundário. (Participante 10, comunicação pessoal, maio 2025)

De acordo com a literatura, a fadiga por compaixão configura-se como um risco relevante para profissionais que atuam em contextos de emergência, uma vez que a exposição contínua a traumas, a necessidade de decisões rápidas e o contato constante com o sofrimento humano podem gerar esgotamento emocional, afastamento afetivo e diminuição da empatia no atendimento (CARVALHO; CHAMBEL, 2024). Segundo Figley (1995), a empatia contínua e o envolvimento intenso com a dor do outro pode comprometer tanto o bem-estar

pessoal do cuidador quanto a eficácia de seu trabalho, conforme pode ser identificado nos relatos acima.

Sete (7) participantes relataram sobre o movimento do poder público no voluntariado. A categoria “**Poder Público**” reúne conteúdos que abordam a existência ou a falta de políticas públicas, o apoio de instituições, as ações do governo, bem como críticas ao papel do Estado diante da realidade discutida no contexto do voluntariado. Pesquisadores apontam que a articulação entre políticas públicas e estratégias de contenção de riscos é fundamental, destacando a necessidade de um plano de contingência estruturado, com serviços e ações previamente organizados para responder de forma eficaz às demandas emergenciais (POSSATO; PEREIRA, 2022). Os relatos evidenciam uma percepção generalizada de ausência, omissão e ineficiência por parte do Estado durante o período de crise. Embora sua presença fosse esperada nos abrigos e na coordenação das respostas emergenciais, os relatos demonstram que, em muitos contextos, o voluntariado teve de assumir funções típicas da gestão pública. Isto é evidenciado nos recortes do participante 6 (comunicação pessoal, maio 2025):

Então eu vi muita gente que é da área pública, que é o dever de tá fazendo aquilo ali, de zelar pela segurança aí, tá ali no front e tá no celular. Tipo, nas estações, o pessoal escorado, mexendo no telefone, enfim, de terminho, que era do poder ali e deveria estar ali ajudando e não estava.

Como também do participante 11 (comunicação pessoal, maio 2025) “Da prefeitura, dentro do serviço. E era um absurdo, assim. Porque eles não queriam colocar a mão em nada. Ao mesmo tempo que eles queriam colocar a mão em tudo, sabe? Eles ficavam, literalmente, sentados. Mexendo no celular.”

Participante 9 (comunicação pessoal, maio de 2025) expressa “E mesmo assim, o que acho que mobilizou tanto foram as pessoas, foram os civis e muitos dos que tinham sido afetados, não foram autoridades.” revelando a necessidade que existiu de a comunidade se mobilizar para enfrentar os impactos do desastre. Entretanto, apesar dos relatos serem pela sua maioria negativo em relação a atuação do poder público há relatos de colaborações pontuais, como a atuação do Exército ou de programas com apenados, conforme o relato da participante 10 (comunicação pessoal, maio 2025):

Ah, o pessoal do exército estava lá ajudando a montar, a construir as baias. Um dia só no abrigo antigo, o pessoal do sistema carcerário, que trabalha com cachorros, ajudou também a mudar as baias, porque tinha muita baia que ainda era ao ar livre, assim.

Nove (9) participantes expuseram a força comunitária dentro do voluntariado. A categoria “**Resiliência Comunitária**” agrupa os discursos que expõe os movimentos da comunidade diante da crise e a força comunitária para diminuir os impactos iniciais da emergência, conforme os relatos:

Porque se não fosse pelas várias mãos, vários braços, vários rostos, personalidades e pessoas, acho que a gente por um inteiro, assim, a Mathias, Canoas inteiras. E o Rio Grande do Sul num todo, né? Não teria, de fato, passado por isso, sabe? Não teria, de fato, enfrentado tudo isso, sabe? E é isso, assim, sabe? (Participante 1, comunicação pessoal, abril 2025).

Então essa união toda que o povo tem, acabou tendo, eu achei bem marcante, porque não era algo que eu esperava, ver tantas pessoas com o intuito de auxiliar. Tanto que alguns dias do voluntariado eu via tendo que fazer lista e o pessoal, olha, já tá cheio de voluntários, eu preciso de gente pra amanhã. (Participante 2, comunicação pessoal, abril 2025)

Que a dor também, coletiva, é sentida de uma forma diferente, assim. Que a gente se une também pela dor. (Participante 11, comunicação pessoal, maio 2025)

De acordo com Oliveira e Morais (2018), a força das comunidades diante de desastres está diretamente relacionada à sua capacidade de organizar respostas coletivas frente às adversidades, mobilizando recursos internos como redes de solidariedade. Esses fatores, aliados a uma infraestrutura adequada, promovem a adaptação e a superação dos impactos negativos, fortalecendo a resiliência comunitária e permitindo a reconstrução mesmo após situações de grande crise. A partir dos relatos, foi possível identificar que a comunidade teve um forte papel na estruturação do voluntariado e no auxílio às pessoas que estavam desabrigadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado contribuiu para compreender os múltiplos impactos da experiência voluntária em contextos de desastres. A atuação dos voluntários nos abrigos emergenciais em maio de 2024 foi marcada por dualidade de sentimentos, improvisos e enfrentamento de situações adversas, revelando a potencialidade do voluntariado, mas também seus limites emocionais e de suporte governamental.

A análise de conteúdo evidenciou o papel central do voluntário na resposta imediata à crise e o papel em suprir, por vezes, as lacunas deixadas pelo poder público. Os discursos revelaram a força da resiliência comunitária e o poder dos laços sociais na reconstrução simbólica frente à catástrofe. O voluntariado emergiu não apenas como uma ação pontual, mas como um movimento coletivo capaz de gerar redes de apoio e sentidos subjetivos de pertencimento, superação e transformação pessoal. Ademais a sobrecarga tanto física, quanto

emocional com sentimentos ambíguos, como gratidão e sofrimento, pertencimento e solidão, empatia e exaustão, estiveram presentes de maneira recorrente nos relatos, demonstrando a necessidade de haver um suporte emocional ao voluntário.

Os dados mostram que mesmo diante do sofrimento, essa prática pode assumir um caráter de ressignificação, sendo o ato de ajudar o outro um caminho para ressignificar a própria vivência do desastre. Sendo assim, a escuta, o cuidado e o reconhecimento desses voluntários são fundamentais para garantir que, em futuras emergências, a solidariedade continue sendo uma força mobilizadora mas sustentada por estruturas de apoio, formação e cuidado.

Com isso, diante dos recorrentes desastres ao redor do mundo, evidencia-se a urgência de desenvolver práticas de proteção e estratégias de cuidado que reconheçam as vulnerabilidades dos voluntários, incluindo espaços de escuta, apoio psicológico e formação adequada para atuação em cenários de crise. Os resultados sugerem a importância de repensar o voluntariado como parte integrante de políticas públicas estruturadas, a fim de fortalecer a resposta social frente aos desastres e assegurar a dignidade de quem cuida.

REFERÊNCIAS

- AUNG, K. T. et al. Ethical disaster or natural disaster? Importance of ethical issue in disaster management. *IOSR Journal of Nursing and Health Science*, v. 6, n. 2, p. 90-93, 2017. Disponível em: <https://www.iosrjournals.org/iosr-jnhs/papers/vol6-issue2/Version-7/M0602079093.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2025.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. 1º edição. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BOYLE, K. M.; MCKINZIE, A. E. The prevalence and psychological cost of interpersonal violence in graduate and law school. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 36, n. 13-14, p. 6319-6350, jul. 2021. DOI: 10.1177/0886260518816329. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30556466/>. Acesso em: 03 jun. 2025.
- BRASIL. Lei nº 12.608, de 10 de abril de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção e Defesa Civil – PNPDEC [...]. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 11 abr. 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112608.htm. Acesso em: 11 jun. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Enchentes*. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/e/enchentes>. Acesso em: 29 jun. 2025.
- BURLESON, B. R. The production of comforting messages: social-cognitive foundations. *Journal of Language and Social Psychology*, v. 4, n. 3-4, p. 253-273, 1985. DOI: <https://doi.org/10.1177/0261927X8543006>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0261927X8543006>. Acesso em: 03 jun. 2025.
- CARVALHO, B. P.; BARROS, M. A.; SILVA, W. S. V. da. Perfis e motivações de voluntários de desastres: uma proposta de segmentação no contexto brasileiro. *Encontro da ANPAD*, 2021. Disponível em: <https://anpad.com.br/uploads/articles/110/approved/2838023a778dfaecdc212708f721b788.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2025.
- CARVALHO, V. S.; CHAMBEL, M. J. Compreendendo e mitigando a fadiga por compaixão. *Revista Brasileira de Psicologia Organizacional e do Trabalho*, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5935/sbpot/2024.2.09>. Acesso em: 03 jun. 2025.
- FIGLEY, C. R. (ed.). *Compassion fatigue: coping with secondary traumatic stress disorder in those who treat the traumatized*. New York: Brunner/Mazel, 1995. (Psychosocial Stress Series, v. 1). ISBN 978-0-87030-759-5.
- FONTANELLA, B. J. G.; RICAS, J.; TURATO, E. R.. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 17-27, jan. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008000100003>. Acesso em: 23 jun. 2025.
- G1. Canoas inundada durante enchente no RS: mais de 180 mil pessoas foram atingidas. *G1 Rio Grande do Sul*, 08 maio 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/08/video-imagens-aereas-mostram->

[canoas-inundada-durante-enchente-no-rs-mais-de-180-mil-pessoas-foram-atingidas-diz-prefeitura.ghtml](#). Acesso em: 10 jun. 2025.

VILLARINDO, M.E. Voluntariado nas respostas às crises de emergência. *IDIS*, São Paulo, maio. 2024. Disponível em: <https://www.idis.org.br/voluntariado-nas-respostas-as-criises-de-emergencia/>. Acesso em: 11 jun. 2025.

OLIVEIRA, A. T. C.; MORAIS, N. A. Resiliência comunitária: um estudo de revisão integrativa da literatura. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 26, n. 4, p. 1731-1745, dez. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tpsy/a/HMbf7yYyyqBMZyJgxqGpft/?format=pdf>. Acesso em: 05 jun. 2025.

OLIVEIRA, E. A. Avaliação da empatia e do bem-estar subjetivo em indivíduos voluntários e não voluntários. 2020. Monografia (Graduação) — Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/344346204>. Acesso em: 10 jun. 2025.

OLIVEIRA, E. F. de; SOARES, E. B. Logística humanitária: o desafio da gestão diante de desastres. *Brazilian Journal of Business*, v. 1, n. 3, p. 870–880, 2019. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJB/article/view/2972>. Acesso em: 10 jun. 2025.

PARANHOS, M. E.; WERLANG, B. S. G. Psicologia nas emergências: uma nova prática a ser discutida. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/jKSKSLjXRPpRyKdcN35NVZr/>. Acesso em: 06 jun. 2025.

POSSATO, A.; PEREIRA, B. Políticas públicas de saúde nas emergências em desastres: contribuições da psicologia. *Cadernos de Psicologia*, Juiz de Fora, v. 4, n. 7, p. 524-541, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/3289>. Acesso em: 11 jun. 2025.

PREFEITURA DE CANOAS. Em Canoas, vice-governador anuncia medidas para ajudar a cidade. Canoas: Prefeitura de Canoas, 2024. Disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/noticias/em-canoas-vice-governador-anuncia-medidas-para-ajudar-a-cidade/>. Acesso em: 11 jun. 2025.

RAFALOSKI, et al. Saúde mental das pessoas em situação de desastre natural sob a ótica dos trabalhadores envolvidos. *Saúde em Debate*, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/WwM6CrcsqdjXrzSvwpc4VRP/>. Acesso em: 06 jun. 2025.

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GOVERNANÇA E GESTÃO DO RIO GRANDE DO SUL. *Desastres Naturais no RS: estudo sobre as ocorrências no período 2003–2021*. Porto Alegre: Departamento de Planejamento Governamental, 2022. Disponível em: <https://www.estado.rs.gov.br/estudo-inedito-detalha-ocorrencias-de-desastres-naturais-no-rs-entre-2003-e-2021>. Acesso em: 29 jun. 2025.

VILLARINDO, Mônica Exelrud. *Voluntariado nas respostas às crises de emergência*. São Paulo: Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social, 15 fev. 2024. Disponível em:

<https://www.idis.org.br/voluntariado-nas-respostas-as-cries-de-emergencia/>. Acesso em: 1º jul. 2025.

ZANATTA, D.; RANGEL, M. M. P. O trabalhador voluntário e seus sentimentos ante a doença e o sofrimento. *Aletheia*, Canoas, n. 23, p. 113-121, jan./jun. 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115013460012>. Acesso em: 03 jun. 2025.